

ROTA

ARQUITETURA MODERNISTA NO ESTORIL

No final do século XIX, Santo António do Estoril era ainda uma modesta estância termal que a moda dos banhos de mar viria a divulgar em novos moldes, em função da extensão do areal do Tamariz, da proximidade do Monte Estoril e da facilidade de acesso proporcionada pelo caminho-de-ferro. A partir de 1914, Fausto de Figueiredo impulsionou a transformação do Estoril numa estação marítima, climatérica, termal e sportiva de nível internacional. O projeto, gizado por Henri Martinet, comportava a construção de equipamentos coletivos orientados para atividades de lazer, como novas termas e hotéis, um casino, equipamentos desportivos e estabelecimentos comerciais, em torno de um amplo parque virado para o mar. Foi, contudo, na década de 1930 que este plano se cumpriu, com a inauguração do Hotel Palácio e do Casino Estoril, a que se seguiria a urbanização da zona norte do Parque, que então foi tomada por moradias unifamiliares de gosto modernista.

CASCAIS

Tudo começa nas pessoas

Partamos à descoberta da arquitetura modernista que ainda hoje marca a malha urbana do Estoril!

- 1 ANTIGA ESTAÇÃO TELEFÔNICA DO ESTORIL
- 2 ESTAÇÃO DOS CORREIOS DO ESTORIL
- 3 CASA DE S. FRANCISCO
- 4 HOTEL PALÁCIO
- 5 CASINO ESTORIL
- 6 CASA VALE FLORIDO
- 7 CASA BELO-AR
- 8 CASA DOS CEDROS
- 9 CASA DE N.ª SR.ª DA VISITAÇÃO
- 10 CASA CLARIDADE
- 11 CASA GIRASOL
- 12 CASAL DE MONSERRATE
- 13 EDIFÍCIO CRUZEIRO



Praia do
Tamariz

Praia
da Poça



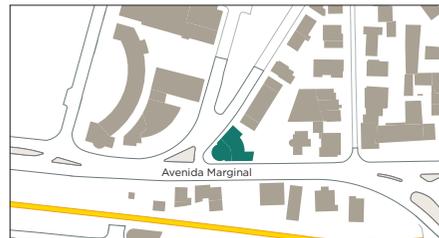
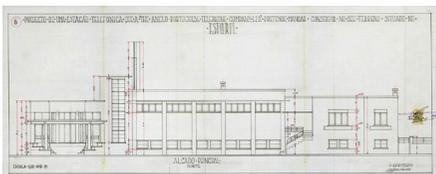
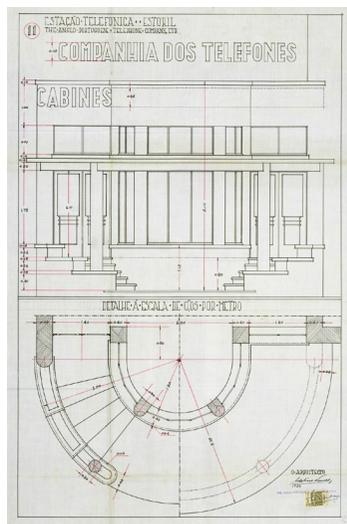
1 Antiga Estação Telefónica do Estoril

Avenida Marginal, n.º 7493
Lat. 38.70348 | Long. -9.40014

Este edifício foi construído em 1933 para a *The Anglo-Portuguese Telephone Company*, com projeto do arquiteto Adelino Nunes (1903-1948), que gizou a maioria das estações dos CTT nas décadas de 1930 e 1940. A morfologia do terreno onde seria implantado, entre o caminho de ferro e a futura Avenida Marginal, esteve na génese de um edifício “fachada”, com um piso ao nível da rua e outro em cave, de planta longitudinal. A expectável monotonia do desenho foi contrariada pela justaposição de corpos assimétricos, que se acentua no volume cilíndrico a nascente, dotado de uma pequena pala semicircular apoiada em colunas lisas.

Aliando um discurso arquitetónico de vanguarda às novas tecnologias da época, como a utilização do

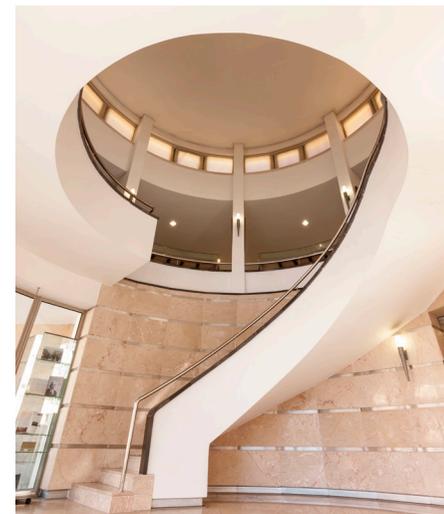
betão, o edifício traduziria a ideia de progresso a que o Estado Novo se procurou associar, assumindo-se como um dos mais importantes exemplares da arquitetura modernista do Estoril.



2 Estação dos Correios do Estoril

Avenida Marginal, n.º 7152
Lat. 38.70355 | Long. -9.39643

O imóvel, projetado em 1939 pelo arquiteto Adelino Nunes, foi inaugurado em 1942 e conta com uma planta em V, para se adaptar à forma do lote. Dispõe de dois pisos e de fachadas assimétricas, ajustadas ao declive do terreno, de modo a salientar o volume cilíndrico da fachada principal. Ao abandonar a simetria, assumir de forma clara o valor plástico das volumetrias e rejeitar quase totalmente o recurso a elementos decorativos como forma de animar as superfícies, o arquiteto demonstrou grande domínio dos valores modernistas, aproximando-se dos exemplos da arquitetura neoplasticista holandesa. No interior, uma escada em espiral conduz-nos ao longo de uma parede curva até ao andar superior, onde funciona o Espaço Memória dos Exílios, inaugurado em 1999, para evocar a história de Cascais durante a II Guerra Mundial, período durante o qual o concelho acolheu milhares de estrangeiros em fuga.

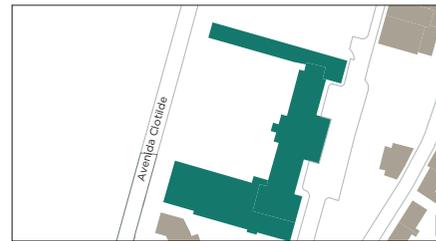
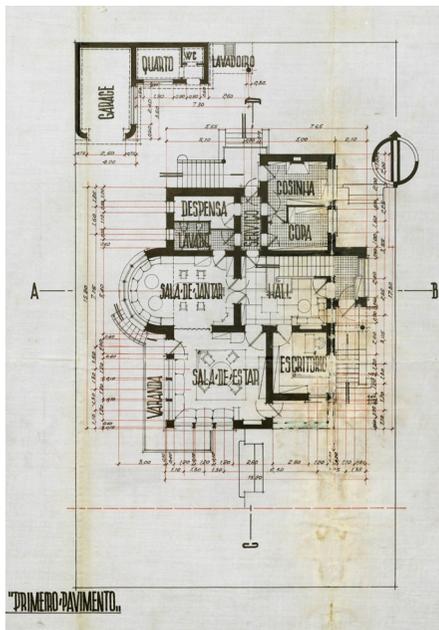




3 Casa de S. Francisco

Avenida Marginal, n.º 7102
Lat. 38.703608 | Long. -9.395738

Esta é a mais importante realização modernista aplicada a uma habitação unifamiliar no Estoril encomendada pelo Eng. António Cortez Lobão. A qualidade do projeto gizado por António Varela (1903-1963) em 1936 é assinalada pela sábia conjugação dos elementos retos que estruturam o conjunto, marcado pela planta longitudinal regular, o dinamismo dos alçados e os jogos volumétricos. Uma outra marca inconfundível do modernismo é a presença de um corpo semicilíndrico, a poente, o recuo e desnível dos corpos na fachada nascente, que se alia ao desenho das janelas baixas e assimétricas contornando os ângulos, e à introdução de pequenas “vigias” na empena poente. Já na fachada sul, voltada à Avenida Marginal, destaca-se um baixo-relevo representando S. Francisco Xavier.



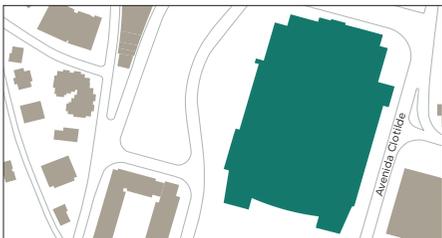
4 Hotel Palácio

Avenida Clotilde, n.º 158
Lat. 38.70556 | Long. -9.39564

Este é um dos equipamentos estruturantes do projeto encomendado, em 1914, ao arquiteto Henri Martinet (1867-1936), a quem se seguiu António Rodrigues da Silva Júnior (1868-1937). Inaugurado em 1930, sob a direção do arquiteto Raoul Jourde (1889-1959) e do decorador M. Fitté, a fachada principal deste hotel apresenta dois amplos corpos salientes, descentrados, de linhas claras e diferente coroamento. A simplificação das molduras dos vãos, a utilização de figuras geométricas nos frontões dos corpos salientes e a introdução de um terraço superior denunciavam a aplicação das teorias modernistas. No período da II Guerra Mundial foi frequentado

por espíões, políticos, negociantes, artistas e desportistas, aos quais se seguiram os mais destacados membros das principais famílias reais europeias, que escolheram Cascais como local de exílio. Só assim se justifica que em 1955 tenha sido escolhido para servir o banquete de casamento do príncipe Alexandre da Jugoslávia e da princesa Maria Pia de Saboia, filha do rei Humberto II de Itália. As obras de remodelação do edifício, iniciadas na década de 1950, dotaram-no de um quinto andar e de uma nova ala, com cozinha e sala de refeições. Não obstante, ainda hoje o hotel mantém o espírito da época em que foi construído.





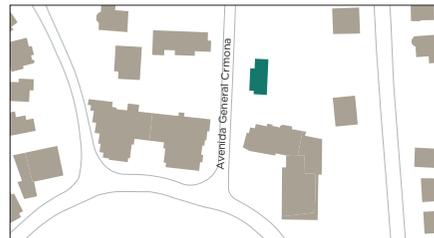
5 Casino Estoril

Avenida Clotilde, n.º 331
Lat. 38.70663 | Long. -9.39732

O lançamento da primeira pedra do primitivo Casino do Estoril ocorreu a 16 de janeiro de 1916. O projeto delineado por Henri Martinet seria depois alterado por Silva Júnior, ainda que o desenho do edifício inaugurado a 15 de agosto de 1931 se deva ao arquiteto Raoul Jourde, que contou com a colaboração de Porfírio Pardal Monteiro (1897-1957). De estilo *Art Déco*, este casino de piso único contava com uma cobertura em terraço, em que prevaleciam as formas curvas.

A Estoril-Sol S.A.R.L., do empresário José Teodoro dos Santos, encomendaria a sua ampliação aos

arquitetos Filipe Nobre de Figueiredo (1913-1990) e José Almeida Segurado (1913-1988) que optaram por lhe anexar um novo corpo, a sul. O novo casino, inaugurado a 28 de março de 1968, foi dotado de peças escultóricas de artistas como Jorge Vieira, Lagoa Henriques, António Duarte ou Maria Keil, entre as quais urge destacar o painel de cerâmica policromada em relevo, da autoria de Querubim Lapa, que foi integrado na fachada poente do edifício, em 1967. Já a decoração de interiores ficou a cargo do arquiteto e *designer* Daciano da Costa (1930-2005) e do decorador José Espinho (1917-1973).

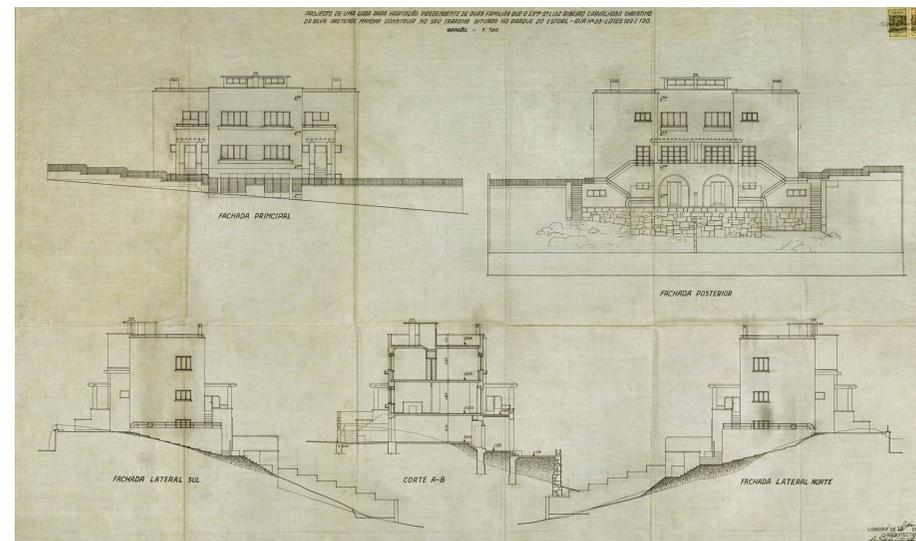


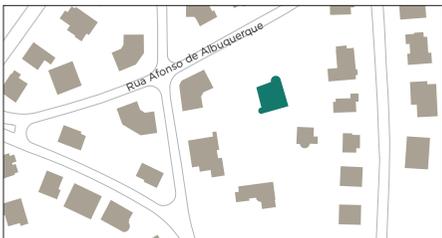
6 Casa Vale Florido

Avenida General Carmona, n.º 4
Lat. 38.709257 | Long. -9.396747

O edifício foi projetado para a encosta do Parque do Estoril, em 1936, por Luís Cristino da Silva (1896-1976), um dos mais conceituados arquitetos da primeira geração modernista em Portugal. Uma das duas moradias geminadas que o compõem foi construída como habitação secundária para Cristino da Silva, que optou por uma arquitetura racionalista, em que imperam superfícies rebocadas lisas, vãos não guarnecidos, volumes simples pintados a branco e uma cobertura em terraço.

No seu conjunto, esta edificação de 1939, constituída por duas garagens, ao nível do piso térreo, dois pisos e um terraço, apresenta uma enorme contenção e sobriedade em rigorosa simetria, em que se destaca o inovador *lettering* em marmorite com o nome do imóvel.





7 Casa Belo-Ar

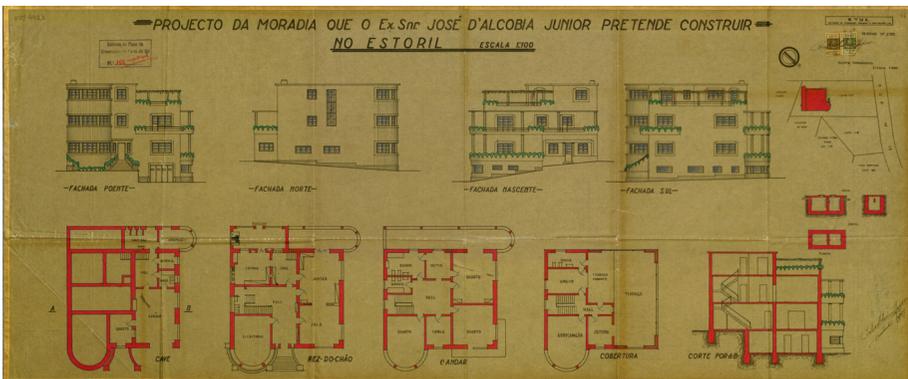
Rua Afonso de Albuquerque, n.º 3
Lat. 38.710541 | Long. -9.397900

Construída em 1938, com projeto do construtor civil Carlos Moreira Raposo, esta casa insere-se no espírito do modernismo do Estoril do segundo quartel do século XX, em área abrangida pelo Plano de Urbanização da Costa do Sol.

Para além das fachadas despojadas de elementos decorativos, com superfícies rebocadas lisas, volumes simples pintados a branco e uma cobertura em

terraço, destaca-se pelo seu corpo semicilíndrico fenestrado, que se desenvolve ao longo dos quatro pisos. Já na fachada poente se destacam as varandas dos dois pisos intermédios, cobertas por palas que assentam em colunas lisas.

Em 2012, esta moradia unifamiliar foi alvo de um projeto de reformulação interna, passando a contar com dois fogos independentes.



8 Casa dos Cedros

Rua Prof. Dr. Egas Moniz, n.º 14
Lat. 38.710665 | Long. -9.397867

Construída para Maria da Câmara Assis Posser de Andrade, em 1935, esta moradia foi projetada pelo arquiteto Adelino Nunes, que soube aproveitar o ângulo agudo do terreno para implantar um corpo com planta em V, como sucederia com o edifício dos CTT, que igualmente gizou.

Em betão armado, com uma simetria absoluta de volumes, o acesso à casa efetua-se através de uma entrada recuada, protegida por uma pequena pala semicircular, apoiada em colunas lisas. O imóvel foi alterado, com o acrescento de um corpo recuado no terraço, que outrora serviu como solário.



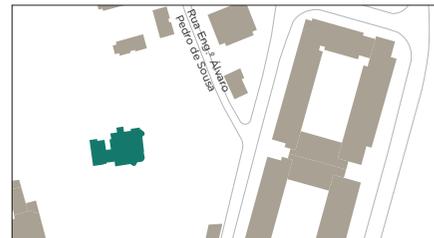


11 Casa Girasol (casas geminadas)

Rua de Inglaterra, n.º 500 e 504
Lat. 38.71307 | Long. -9.40077

Desconhece-se o autor do projeto destas duas casas geminadas, construídas num terreno que em 1938 pertencia à Sociedade Civil Amaral de Figueiredo. No entanto, a arquitetura do edifício revela a influência

dos princípios modernistas. O jogo e dinamismo das aberturas, a complexidade da volumetria assimétrica e o tratamento cuidado das superfícies transformam-no num exemplar de grande qualidade arquitetónica.



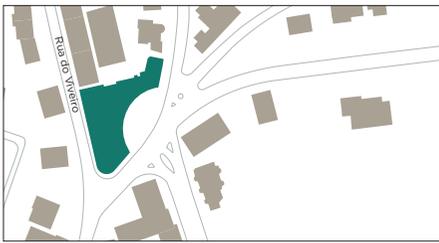
12 Casal de Monserrate

Rua Eng.º Álvaro Pedro de Sousa, n.º 51 A
Lat. 38.70641 | Long. -9.39993

Em 1929, o Eng.º Álvaro Pedro de Sousa encomendou a Cristino da Silva e a Pardal Monteiro o projeto de uma moradia que desejava construir numa pequena encosta, em harmonia com a topografia do terreno, a oeste do Casino Estoril. Desse primeiro projeto praticamente nada restou, devido à remodelação gizada por Pardal Monteiro em 1932, que aqui concretizou um dos seus mais relevantes trabalhos, considerado pelos especialistas como um dos expoentes da arquitetura, do *design* e da conceção de jardins do início do século XX em Portugal, razão pela qual em 1996 seria classificado como Monumento de Interesse Público.

A moradia, de três pisos, em estilo *Art Déco*, destaca-se pelos detalhes arquitetónicos e, em especial, pelos elementos decorativos, como os vitrais da entrada principal, que foram pintados nas oficinas de Ricardo Leone (1905-1971). O jardim, de linguagem clássica, é profusamente decorado com esculturas de Leopoldo de Almeida (1898-1975). Na década de 1970 foi doada à Fundação de Sousas, instituição particular de solidariedade social, fundada por Irene Ferreira do Amaral de Sousa, aqui funcionando atualmente um espaço sénior: o Centro Eng.º Álvaro de Sousa.





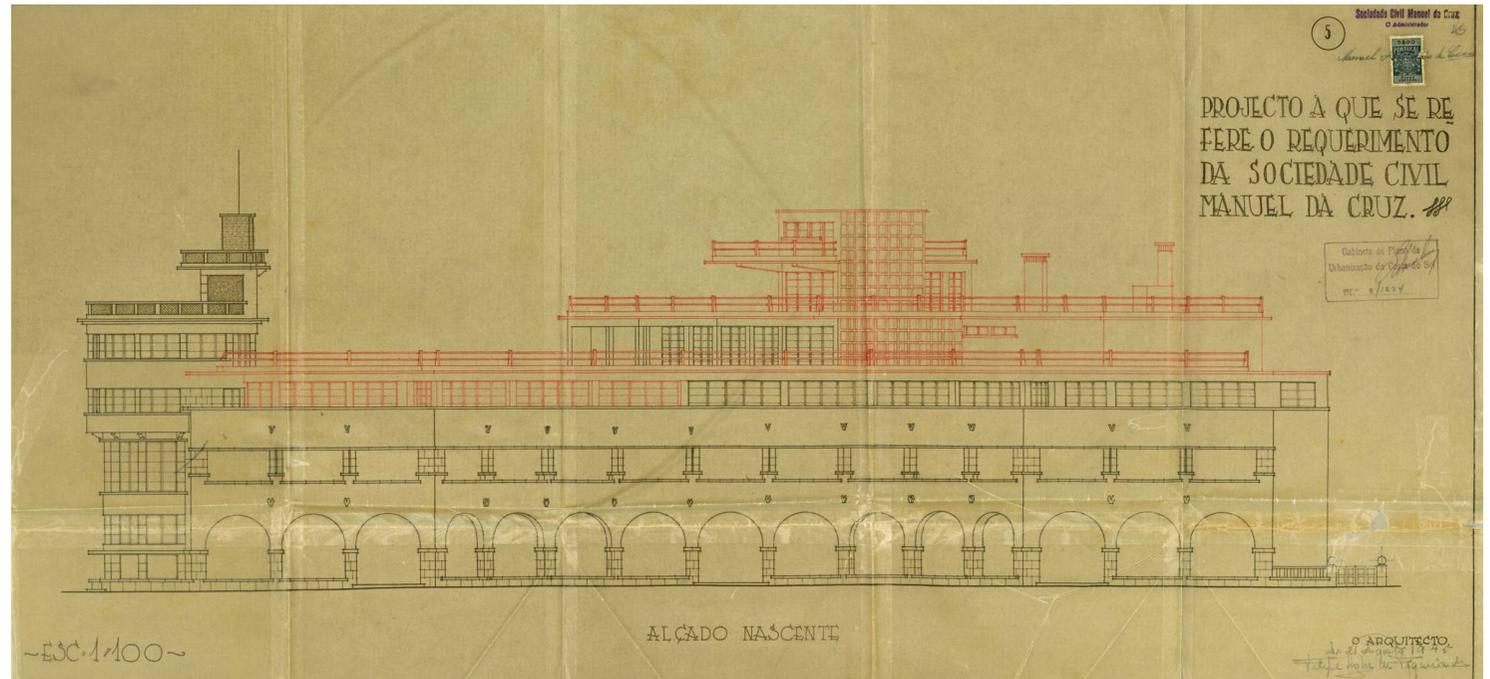
13 Edifício Cruzeiro

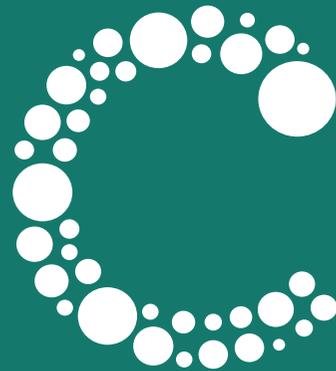
Rua do Viveiro, n.º 2
Lat. 38.70741 | Long. -9.40423

O Cruzeiro, considerado o primeiro Centro Comercial do país, foi edificado a partir de 1945 e inaugurado em 1951, no topo da Avenida Fausto de Figueiredo, no Estoril, num terreno entre a Avenida das Acácias, a Rua do Viveiro e a Rua D. Afonso Henriques. Idealizado e desenhado em 1941 por Manuel António da Cruz, o edifício projetado em 1942 pelo arquiteto Filipe Nobre de Figueiredo (1913-1989), traduz os valores estéticos do modernismo português das décadas de 1930-40 e o cosmopolitismo do Estoril de então, que se materializa no despojamento decorativo das fachadas e na valorização de materiais construtivos como o betão ou o vidro.

Os dois corpos que se erguem por detrás da fachada, com cinco níveis coroados por uma espécie de miradouros, remetem-nos pela sua volumetria e fenestrações para a estética “paquebot”, ou “estilo transatlântico”, tão característica do movimento Art Déco. O projeto integra também elementos mais tradicionalistas, como a arcada de pilares e arcos ligados por bancos revestidos de azulejos de padrão industrial ou as colunas das varandas do primeiro andar com mísulas de sustentação ao gosto definido pela crítica modernista como o estilo “Português Suave”.

O imóvel foi alvo de um profundo trabalho de reabilitação, a cargo do arquiteto Miguel Arruda, de forma a receber, sob a designação de Academia de Artes do Estoril, novas funcionalidades relacionadas com as artes performativas, acolhendo a Escola Profissional de Teatro de Cascais, o Conservatório de Música de Cascais e a Companhia de Dança Paulo Ribeiro. O edifício inclui ainda um auditório, uma biblioteca e um espaço de restauração, transformando-se no polo dinamizador da Vila das Artes, conceito que complementará o do Bairro dos Museus e estará aberto a posteriores desenvolvimentos.





cascais.pt